

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALAN ARKIN, O COMEDIANTE ASSUSTADO  
14 e 16 de setembro de 2023

## THE RETURN OF CAPTAIN INVINCIBLE / 1983

um filme de Philippe Mora

Realização: Philippe Mora / Argumento: Steven E. de Souza, Andrew Gaty / Direção de fotografia: Mike Molloy / Montagem: John Scott / Direção de arte: Ron Highfield, Owen Paterson / Guarda-roupa: Kate Duffy / Som: Ken Hammond / Misturas: Phil Judd / Efeitos especiais: Mont Fieguth / Música: Richard Hartley, William Motzing, Richard O'Brien / Anotação: Linda Ray / Com: Alan Arkin (Captain Invincible), Christopher Lee (Mr. Midnight), Kate Fitzpatrick (Patty Patria), Bill Hunter (Tupper), Michael Pate (Presidente dos EUA), Doug McGrath (Adolf Hitler), Graham Kennedy (primeiro-ministro australiano), Max Phipps (Almirante), Alfred Sandor (capitão da polícia de Nova Iorque), Ron Becks (vendedor negro), Garth Meade (vendedor polaco).

Produção: Andrew Gaty / Empresas produtoras: Seven Keys / Cópia: em Blu-ray, colorido, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 91 minutos / Primeira Apresentação Pública: 28 de janeiro de 1983, EUA / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

Quem é Philippe Mora? A resposta é complicada. Nascido em França, cresceu na Austrália e viveu entre o Reino Unido, os Estados Unidos e a Austrália, onde desenvolveria uma muito particular e pouco vista filmografia. O crítico de cinema seu conterrâneo, Adrian Martin, referiu-se-lhe como “um realizador geralmente subestimado, sem dúvida porque a sua garrida sensibilidade para a cultura *pop* é virtualmente antitética aos valores mais calmos e naturalistas que regem grande parte da dramaturgia australiana, particularmente durante o chamado renascimento dos anos 70” e, noutra artigo, acrescenta “no início dos anos 70 escrevia artigos na revista *Cinema Papers* sobre filmes B, Pop Art e banda desenhada, sempre demonstrando um gosto acentuado pela cultura de massas mais vulgar [*trashy*].”

De facto, Mora foi, entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 70 (durante a sua curta estadia em Inglaterra, onde se formou na efervescência da *Swinging London*), um tentado pintor e um celebrado cartoonista para algumas revistas satíricas – em particular a conhecida *Oz*. Mas a sua afirmação enquanto cineasta aconteceu com dois filmes de compilação, entretanto renomeados filmes de *found footage*. **Swastika** (1973) e **Brother, Can You Spare a Dime?** (1975) são duas longas-metragens integralmente compostas a partir de materiais de arquivo. A primeira (como o nome antecipa) é um filme-ensaio sobre o nazismo, feito a partir de centenas de horas de atualidades, filmes de propaganda (incluindo imagens reapropriadas dos filmes de Leni Riefenstahl), filmes antissemitas e também dos filmes privados de Eva Braun (até então nunca divulgados). O segundo, mais cáustico, olhava para a produção cinematográfica americana dos anos 1930 – o período da Grande Depressão – e inventariava um estado de espírito nacional a partir de jornais de atualidades, dos documentários do *New Deal*, dos filmes de Hollywood que refletiam a situação social daqueles anos, de *trailers* e filmes de família. Os dois filmes seriam apresentados em Cannes, e firmariam o nome de um muito jovem realizador de 20 e poucos anos.

Com estes primeiros passos numa prática de cariz documental seria difícil imaginar – apenas pelos filmes – que Philippe Mora se lançaria, pouco depois, na realização de filmes de género ostensivamente autoparódicos e conscientes dos lugares-comuns que definem esses mesmos géneros. Primeiro, o *western* em **Mad Dog Morgan** (1976), onde o realismo dá lugar ao *gore* (o seu último filme a ser exibido em Cannes); depois, com o filme de terror **The Beast Within** (1982), deu

azo ao seu gosto pela violência desmesurada; e, por fim, a combinação de dois géneros improváveis, o musical e o filme de super-heróis, neste **The Return of Captain Invincible**. Esta passagem por diferentes géneros, que se aprofundaria adiante com várias comédias de terror, filmes de *aliens*, *thrillers* eróticos, uma versão de ficção-científica de **The Treasure of Sierra Madre** e uma colaboração com a infame produtora Troma Entertainment para o filme – que só pelo título promete – **Pterodactyl Woman from Beverly Hills** (1994), dizia eu, este percurso eclético pelo *trash* consagrá-lo-ia como um cineasta de culto, recuperado em anos recentes no mercado de *home vídeo*.

Posto isto, seria de esperar que estivéssemos preparados para a fúria de bizarras que é **Captain Invincible**. Não estamos. O filme começa com uma encenação de filmes de atualidades dos anos 1950 (*helás*) com uma versão de contrabando do Super-Homem; segue-se uma conspiração mccarthista que põe em causa a cor vermelha da capa do Capitão e, até, o seu posto militar; passam-se vários anos e Alan Arkin é um sem-abrigo alcoólico que foi parar, sem saber, à Austrália; paralelamente Christopher Lee é um génio do mal que se dedica à especulação imobiliária e à aceleração dos movimentos de gentrificação com intuítos de genocídio étnico; ah, importa não esquecer a inseminação alienígena, um presidente norte-americano infantilóide, uma luta com aspiradores assassinos, um peixe-metralhadora, e, claro, vários números musicais com música e letra dos responsáveis de **The Rocky Horror Picture Show**, Richard O’Brein e Richard Hartley – onde se inclui uma divertidíssima canção sobre bebidas e *cocktails*, a criptonite deste super-herói da candonga em processo de desintoxicação alcoólica. Convém lembrar que nem Alan Arkin nem Christopher Lee – apesar dos seus dotes para a interpretação – sabem cantar (mesmo se Arkin tenha começado a sua carreira como cantor *folk*).

Estamos, portanto, em território *camp* – no sentido originário do termo, a passagem do romance *The World in the Evening* (1954) de Christopher Isherwood, onde o escritor apregoa “Não se pode fazer arte *camp* sobre algo que não se leva a sério. Não se está a ‘rir de’, está-se a ‘rir com’”. Estamos a expressar aquilo que é, para nós, essencialmente sério, mas em tom de divertimento, artifício e elegância.” É isso que é surpreendente e – até certo ponto – tocante em **Captain Invincible**, o genuíno encantamento infantil por aquele universo, a graça adolescente e tonta de toda aquela empresa que se fascina com as possibilidades da sua própria brincadeira, uma espécie de incredulidade como quem diz “não acredito que me deram dinheiro para fazer isto!”. Isto porque se sente, da parte de Philippe Mora, um autêntico fascínio pelo universo da banda desenhada, só que carregada pelo peso das desventuras da idade adulta. Trata-se, claramente, de uma paródia ao universo dos super-heróis – feito na ressaca do enorme sucesso de **Superman** (1978), de Richard Donner – que não é tanto uma sátira, antes uma revisitação tão crítica quanto lúdica à iconografia e ao imaginário do herói na cultura americana. Daí o peso trágico da figura de Arkin, um homem invencível que, ainda assim, se deixa abater pela força dos *media* e pelo vício da bebida. Afinal, o grande inimigo não é tanto o Mr. Midnight mas a manipulação da opinião pública, tanto pelas comissões do senadora McCarthy como, depois, pelo “hypno-ray”, que não é outra coisa senão uma literalização da propaganda do sonho americano (as pessoas hipnotizadas querem comprar casa e ter muitos filhos num bairro segregado).

Philippe Mora, que tem hoje 74 anos, na última edição da sondagem da *Sight and Sound* para saber qual o melhor filme de sempre, escreveu “Ouvi Welles dizer, de viva-voz, que um realizador é alguém ‘que preside a acidentes’. Todos os realizadores sabem o que ele quer dizer, mas continuam a tentar a tarefa de Sísifo de dobrar a realidade à sua visão.” Nos seus filmes, Mora não só preside, como entende a “realidade” enquanto acidente, um terno e brutal descarrilamento.